

Jornalismo e IA Generativa: Limites da tecnologia e a centralidade da experiência humana em coberturas socioambientais na Amazônia¹

Cristiane de Lima Barbosa²

Graça Caldas³

Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo

A crescente integração da Inteligência Artificial Generativa (IAG) no jornalismo, potencializando apuração e redação, exige análise crítica, especialmente na cobertura da Amazônia, região simbólica e complexa. Este estudo qualitativo, com entrevistas semiestruturadas a jornalistas de Manaus (AM) e Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), investiga percepções e uso da IA, apoiado em conceitos de IA (Russell & Norvig, 2016; Vicente & Flores, 2021), credibilidade (Kovach & Rosenstiel, 2003) e desafios amazônicos (Assis, 2022). Os resultados ressaltam a importância da presença humana para captar nuances que a IA não reproduz. Reconhecem o potencial da IA em dados e monitoramento (Linares, 2022), mas apontam riscos como desinformação, estereótipos sobre povos originários e opacidade algorítmica, considerada nova forma de colonialismo. Os achados sugerem formação contínua e ética.

Palavra-chave: inteligência artificial; jornalismo; Amazônia; ética; cobertura socioambiental.

Introdução

Em um contexto de hiper automatização, a Inteligência Artificial Generativa (IAG) é frequentemente promovida como aliada na apuração e redação jornalística, mas seu impacto na cobertura da Amazônia exige análise crítica. Essa região, viva e simbólica, detentora de saberes ancestrais e desafios socioambientais complexos, não pode ser reduzida apenas a dados. No escopo de uma pesquisa de pós-doutorado, investigou-se a percepção de jornalistas do Amazonas sobre a relação entre IA e a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Informação/Comunicação. Pós doutoranda em Divulgação Científica e Cultural do Labjor/IEL/Unicamp. Professora do Mestrado em Informação e Comunicação e do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: crisbarbosa@ufam.edu.br / crisb.jor@gmail.com.

³ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Pós doutora em Política Científica e Tecnológica. Atualmente é professora-pesquisadora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural do Labjor/IEL/Unicamp. Supervisora do pós-doutorado. E-mail: gcaldas@unicamp.br / caldasgraca@gmail.com.

cobertura de temas socioambientais e de povos originários, especialmente diante de eventos como a COP-30⁴.

Metodologia

A coleta de dados incluiu entrevistas semiestruturadas com um grupo de profissionais de diferentes mídias em Manaus (AM), selecionados por tempo de atuação (Duarte, 2011; Malheiros, 2011; Flick, 2013). As perguntas abertas e fechadas abordaram ética, meio ambiente, povos originários, *fake news*, agilidade e impactos no trabalho jornalístico. A análise seguiu Bardin (2016), com categorização temática e apresentação percentual de respostas fechadas com tendências.

Fundamentação Teórica

A IA, campo da ciência da computação e prática de engenharia (Russell & Norvig, 2016), tornou-se um meio de comunicação invisível e ubíquo (Vicente & Flores, 2021; Santaella, 2019). No jornalismo, agiliza tarefas como análise de documentos e rascunhos (Marconi, 2020; Deuze & Beckett, 2022). Contudo, só 5% adotam IAG globalmente, e 76,3% dos jornalistas brasileiros não foram treinados (Pesquisa ESPM, 2024). A credibilidade, capital maior da imprensa, sofre com a desinformação (Bentes, 2019; Kovach & Rosenstiel, 2003). A “Carta de Paris” (RSF, 2023) pede avaliação ética e transparência. Na Amazônia, desafios exigem ação humana, mesmo com geojornalismo (Assis, 2022; Linares, 2022). Canavilhas (2022) alerta que cortes na comunicação impulsionam jornalismo automatizado.

Análise e Principais Resultados

A partir das entrevistas, emergiram três eixos principais nas percepções dos jornalistas. O primeiro destaca a indispensabilidade da presença humana: a maioria apontou que a vivência em campo, a sensibilidade e o contato direto com as fontes são insubstituíveis para captar aspectos como lideranças silenciadas, códigos culturais, sotaques e símbolos locais. O segundo eixo trata das contribuições da IAG, reconhecida por grande parte dos entrevistados como recurso útil para tarefas como análise de dados, transcrição, tradução automática e produção de materiais complementares, especialmente em contextos de monitoramento ambiental. O terceiro eixo evidencia os

⁴ A COP 30 será a 30ª edição da Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC). Ela está marcada para acontecer em novembro de 2025, na cidade de Belém do Pará, no Brasil, sendo a primeira vez que a região amazônica sediará uma COP.

riscos percebidos: grande parte dos entrevistados alertaram para desinformação, estereótipos sobre povos originários, apropriação cultural e falta de transparência nos sistemas, o que suscita preocupações com um novo colonialismo digital. Também foi recorrente a preocupação com a dependência excessiva e seus efeitos na autonomia jornalística.

Considerações finais

A integração da IA no jornalismo amazônico revela um cenário dual de oportunidades e ameaças. Se, por um lado, pode otimizar o processamento de dados e o monitoramento ambiental, por outro, impõe desafios éticos e epistemológicos. A Amazônia não é um “prompt”: trata-se de um ecossistema vivo, com tempos e saberes próprios. Para maximizar benefícios e reduzir riscos, é imperativo, segundo os jornalistas entrevistados, investir em formação continuada, ética e crítica no uso da IA, reforçando a checagem de fatos e a apuração com fontes confiáveis. Este estudo, excerto de uma pesquisa mais ampla sobre IA e jornalismo na Amazônia, tem como limitação a abordagem localizada em Manaus. Ainda assim, seus achados podem contribuir com o delineamento de políticas públicas e privadas voltadas à qualificação profissional, à promoção do jornalismo territorializado e ao enfrentamento da desinformação algorítmica.

Referências

- ASSIS, Carolina de. Ausência do Estado potencializa riscos para jornalistas em região amazônica onde repórter britânico Dom Phillips foi assassinado. **LatAm Journalism Review**. Texas, 21 jun. 2022. Disponível em: <https://latamjournalismreview.org/pt-br/articles/ausencia-do-estado-potencializa-riscos-para-jornalistas-em-regiao-amazonica-onde-reporter-britanico-dom-phillips-foi-assassinado>. Acesso em 10 abr. 2024.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo / Laurence Bardin; tradução Luís Antero Reto., Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016. 3 reimp. da 1 edição de 2016.
- BENTES, I. Economia narrativa: do midiativismo aos influenciadores digitais In: Braighi, A.A.; Lessa, C.; Câmara, M.T. (orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. p. 151-169.
- CANAVILHAS J. Inteligência Artificial e Jornalismo: Situação Atual e Expectativas na Comunicação Social Desportiva Portuguesa. **Jornalismo e Mídia**. 2022; 3(3):510-520. <https://doi.org/10.3390/journalmedia3030035>. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2673-5172/3/3/35#metrics>>. Acesso em 10 abr. 2024.

DEUZE, M.;BECKETT, C. Imagination, algorithms and news: Developing AI literacy for journalism. **Digital Journalism**, 2022, 10(10), 1913-1918. <https://doi.org/10.1080/21670811.2022.2119152>.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas 1, 62-83, 2011.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia da pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

KOVACH, B. e ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LINARES, César López. Com inteligência artificial, geojornalismo e jornalismo de dados, jornalistas evitam alguns dos perigos de cobrir a Amazônia. **LatAm Journalism Review**. Texas, 19 julho, 2022. Disponível em:< <https://latamjournalismreview.org/pt-br/articles/com-inteligencia-artificial-geojornalismo-e-jornalismo-de-dados-jornalistas-contornam-alguns-dos-perigos-de-cobrir-a-amazonia/>. Acesso em 15 mai 2024.

MALHEIROS, B. T. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MARCONI, F. Newsmakers: Artificial intelligence and the future of journalism. **Columbia University Press**. New York, 2020.

PESQUISA Jornalismo ESPM e Jornalistas & Cia mostra que um em cada quatro jornalistas no País não usa inteligência artificial no trabalho. **Jornalistas & Cia**, [S. l.], n. 1.456, p. 2-24, 16 abr. 2024. Disponível em: <https://www.jornalistasecia.com.br/Jornalistasecia2024/1456/2/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS. **Carta De Paris Sobre Ia e Jornalismo**. Disponível em: https://rsf.org/sites/default/files/medias/file/2023/11/Carte%20de%20Paris%20sobre%20IA%20e%20jornalismo_0.pdf. Acesso em 18 mai 2024.

RUSSELL, Stuart; NORVIG, Peter. Artificial Intelligence. **A Modern Approach** [Global Edition]. 3rd. [S.l.]: Pearson, 2016. ISBN 978-1-292-15396-4.

SANTAELLA, Lúcia. **Inteligência Artificial & Redes sociais**. São Paulo: EDUC, 2019.

VICENTE, P. N.; FLORES, A. M. M. Inteligência artificial e jornalismo: temas emergentes (2015-2020). In: De Que falamos Quando Dizemos “Jornalismo”? **Temas Emergentes de Pesquisa**. João Carlos Correia & Inês Amaral (Orgs.). LabCom, Covilhã: 2021.